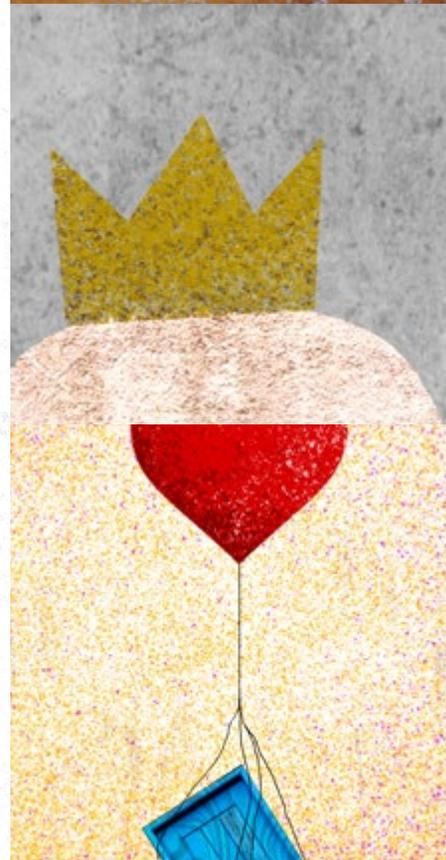


CONTANTES APRESENTA:

cinco histórias para ler e compartilhar



CONTANTES APRESENTA:

cinco histórias para ler e compartilhar



Contantes apresenta: cinco histórias para ler e compartilhar

Edição única, abril de 2022.

Rolante, Rio Grande do Sul, Brasil

Edição

Projeto de extensão Contantes - IFRS Campus Rolante

Organização

Ana Paula Cecato de Oliveira

Textos

Anna Claudia Ramos

Antônio Schimeneck

Heloisa Prieto

Milene Barazzetti Machado

Sonia Rosa

Ilustração, projeto gráfico e diagramação

Jonathas Martins

Preparação e revisão dos originais

Aline Nardes dos Santos

Ana Paula Cecato de Oliveira

Catálogo na publicação (CIP)

C759 Contantes apresenta: cinco histórias para ler e compartilhar /
organizadora Ana Paula Cecato de Oliveira; ilustrador
Jonathas Martins. – Rolante, RS: Projeto de extensão
Contantes - IFRS Campus Rolante, 2022.
1 pdf : 28 p.

Modo de acesso: Word Wide Web

ISBN 978-65-00-47926-3

1. Contos. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Contantes. I.
Schimeneck, Antônio. II. Ramos, Anna Claudia. III. Prieto,
Heloisa. IV. Machado, Milene Barazzetti. V. Rosa, Sonia.
VI. Título.

CDU 821.134.3(81)-93

Elaborada por: Natália Joyce José Custódio Ribas CRB10/2667

Anna Claudia Ramos

Melissa

Antônio Schimeneck

A dama branca

Heloisa Prieto

*O baú secreto
da vovó*

Milene Barazzetti

*Senhor das Águas
de Constança*

Sonia Rosa

Amor de mãe

CONVITE À LEITURA

CONVITE À LEITURA

Um amor encantado, alguns segredos escondidos em baú, o desejo de ser quem se é, um encontro muito esperado, outro nada esperado... Neste ebook, você vai ler histórias que trazem experiências de vida tão diversas, tão potentes. Podemos pensar, a partir delas, que a literatura é contar uma história vivida e/ou imaginada, de um jeito especial, que convoca o(a) leitor(a) a ampliar o olhar sobre sua própria experiência. Mas, o que é esse “jeito especial”? É a linguagem literária, que utiliza figuras de linguagem (comparação, metáfora, ironia...), efeitos de sentido (humor, suspense, lirismo...), entre outros elementos, fazendo com que a leitura do texto seja múltipla de sentidos e significados para quem está lendo. Além dos recursos linguísticos, estes textos também são artísticos, porque trazem repertórios de diferentes contextos culturais, sociais e históricos que nos colocam a pensar sobre o mundo.

A publicação “**Contantes**: cinco histórias para ler e compartilhar” é fruto de um convite feito para cinco autores que participaram dos encontros formativos do projeto de extensão “**Contantes**: reflexões e ações de mediação de leitura e contação de histórias na comunidade”, do *campus* Rolante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Gentilmente, Anna Claudia Ramos, Antônio Schimeneck, Heloisa Prieto, Milene Barazzetti Machado e Sonia Rosa, autores brasileiros com intensa produção literária no universo da literatura para as infâncias e juventudes, compõem esta coletânea de contos endereçados a crianças, jovens e adultos, pois a boa literatura suscita grandes e poderosas conversas sobre a existência humana, mediada por personagens e mundos narrados. As ilustrações de Jonathas Martins, também um autor, de imagens, oferecem camadas de sentido que serão escavadas pelos leitores e leitoras. Dessa forma, o projeto literário desta publicação respeita a sensibilidade e a inteligência de quem vai lê-la.

O projeto de extensão **Contantes**, nas duas edições até então realizadas (de forma remota, por conta da pandemia da covid-19), tem proporcionado encontros com mediadores de leitura (professoras/es, bibliotecárias/os, voluntárias/os, e interessados/as) que atuam em diferentes espaços onde a leitura acontece, no intuito de

proporcionar a troca de experiências e a interlocução com outras iniciativas na área da leitura literária. Este ebook é a segunda publicação do projeto. Na primeira edição, elaboramos um material informativo sobre contação de histórias e mediação de leitura, que pode ser acessado e baixado [aqui](#). Através destas produções, almejamos contribuir com as práticas de leitura mobilizadas pelos mediadores, democratizando o acesso à leitura. Em nossos encontros, conversamos muito sobre a importância de colocarmos a literatura na centralidade da mediação de leitura, e esperamos que os contos aqui apresentados ofereçam essa possibilidade, sobretudo para as populações mais vulneráveis em termos de fruição de políticas educacionais e culturais. Nesse sentido, reiteramos a missão do IFRS de oferecer uma educação inclusiva, pública, gratuita e de qualidade, que promova a formação integral dos cidadãos e que dialogue com os anseios de sua comunidade.

Desejamos a todos e todas uma ótima leitura, e pedimos que façam o ebook circular, indicando-o para quem quiser ler e compartilhar. Vocês podem acompanhar as ações do **Contantes** através de nossas redes sociais: [Instagram](#) e [Facebook](#).

Abraços cheios de afeto,

EQUIPE CONTANTES:

ANA PAULA CECATO DE OLIVEIRA

(coordenadora e docente de Letras - Português/Inglês)

EVELYN DE ABREU

(bolsista e estudante do Ensino Médio Integrado ao Técnico de Administração)

JÉSSICA TOLKSDORF

(bolsista e estudante do Ensino Médio Integrado ao Técnico de Informática)

JOÃO THIAGO DA SILVA DE BORBA

(bolsista e estudante do Ensino Médio Integrado ao Técnico de Administração)



Melissa

ANNA CLAUDIA RAMOS

Alexander saiu de casa afobado. Era dia de prova final. Na verdade, prova de recuperação. Precisava passar, não queria repetir o ano por nada. Não via a hora de sair do ensino médio e poder fazer tudo que queria.

No meio de tantos pensamentos, resolveu cortar caminho por uma galeria que ligava duas ruas. Não lembrava que naquela galeria tinha uma loja da Melissa. Parou na vitrine e ficou encantado com todos os modelos. Desde pequeno sonhava em ter uma sandália Melissa, como suas irmãs. Mas olhou o relógio, se perdesse mais um minuto olhando aquela vitrine poderia chegar atrasado ao colégio e perder a hora da prova.

Continuou andando. O que veio a seguir foi infinitamente melhor. Uma obra da nova loja da Melissa, muito maior, que seria lançada em uma semana, a tempo das festas de fim de ano. Havia um letreiro luminoso que já quase nem brilhava tanto, já ofuscado pela luz do dia.

Alê, como era chamado pelos amigos, não conseguiu dar mais nem um passo. Ficou totalmente paralisado vendo aquelas luzes piscarem. Já se imaginou na inauguração, experimentando todos os modelos possíveis. Os minutos passando e ele lá, totalmente abstraído. Para sua sorte, Lara passou correndo pela mesma galeria, atrasada. Viu o amigo parado. Não deu nem tempo de perguntar nada. Puxou-o pelo braço e falou:

— Tá maluco, Alê! Quer perder a hora da prova? Estamos em cima da hora. Vem!

E praticamente saiu arrastando Alê, que foi, mas virando a cabeça pra continuar vendo o letreiro iluminar M E L I S S A.

— Calma, amiga, calma! Tô indo!

Deu tempo, o portão fechou exatos dois minutos depois que eles entraram no colégio. Ao final da prova, Lara já estava no pátio esperando Alê. Queria saber que história existia por trás daquela história. Tinham algum tempo. Iam esperar o resultado da correção das provas. A professora disse que corrigiria em seguida e já lançaria o resultado.

— Alê, eu te conheço. Conta aí em que você tava pensando olhando aquela vitrine.

— Ai, amiga, sempre quis ter uma sandália Melissa. Tava lá me imaginando na inauguração da loja experimentando todos os modelos.

— Mas por que você nunca comprou uma?

— Em que mundo você vive, Lara? Esqueceu que meus pais não podem nem pensar nessa possibilidade? Se eu chegar em casa com uma Melissa nos pés, acho que meu pai pega uma tesoura e sai destruindo a sandália. Sou capaz de ouvir a voz dele dizendo: “Filho meu não vai usar sapatos de menina!”. Ele disse isso quando eu tinha sete anos e, no lugar da sandália que pedi, comprou uma chuteira e me fez usar todos os dias até eu entender que menino tinha que ser menino. Eu não queria ser menina, mas no fundo comecei a desejar ter nascido menina só pra poder ter uma Melissa como minhas irmãs. Depois de quatro meninas eu nasci. Meu pai sempre sonhou ter um filho, um macho, como ele tanto gosta de dizer. Me dá arrepio só de ouvir ele falar isso. Acontece que nasci assim, um menino que gosta de meninos e sonha um dia poder usar uma Melissa.

— Ai, Alê, que triste sua família não te entender.

Lara só conseguiu dar um abraço apertado no amigo. José chegou e eles mudaram de assunto, começaram a falar da prova, das questões mais difíceis. Até que a professora apareceu dizendo que já havia lançado as notas. Todos passaram. Aliviados, foram embora.

José pegou um ônibus. Lara e Alê foram andando, mas não falaram mais sobre o assunto. Moravam perto. Lara ficava uma quadra antes. Combinaram uma praia no dia seguinte. Alê disse que passaria na casa dela e iriam juntos.

Voltou pra casa pensando na loja, na sandália tão desejada, na vontade de contar tudo pros pais, de dizer que ele gostava de meninos. Só não sabia como.

Incomodava ficar preso naquele medo sem fim. Incomodava a proximidade das festas de Natal e fim de ano quando tinha que responder às perguntas: “Alexander, quando você vai apresentar sua namorada pra gente? Alexander, você já namorou, já beijou?”

Na sua família não era permitido chamá-lo de Alê, um apelido comum de dois

gêneros. O pai havia proibido qualquer apelido naquela casa.

Porém, Alê só queria poder levar um namorado e ser tudo bem, tudo normal. Afinal, continuaria sendo o filho amoroso que a avó dizia que ele era. A única diferença é que teria um namorado. Mas cadê coragem para contar essa história...

Seria mais um Natal de risinhos e respostas evasivas.

Achou melhor esquecer a inauguração da loja, evitava até passar pela galeria. Começou a se perguntar como não tinha visto antes a obra daquela nova loja da Melissa. Deviam ser as provas, só podia, ou talvez tivessem construído da noite para o dia - tipo obras relâmpago para inaugurarem antes do Natal.

Era uma quinta-feira de tarde quando Lara mandou mensagem para o amigo pedindo para ele ajudá-la a comprar um presente de Natal para o amigo oculto da família. Alê amava esse ritual com a amiga. Adorava ajudá-la a escolher um presente.

Foram andando e falando sobre mil coisas. Nem se deu conta que Lara deu uma volta e acabaram saindo bem perto da galeria. Começaram a ouvir uma música. Lara pegou o amigo pelas mãos e correu com ele em direção à música. Vinha da inauguração da loja. O coração de Alê acelerou quando chegaram a tempo de ver a festa. Os olhos vidrados naquelas sandálias girando em displays acrílicos. Alê não sabia nem pra qual olhar. Não ousava nem tocar em nada até que Lara pegou uma:

— Experimenta! Aliás, experimenta todas que você quiser.

Os amigos experimentaram todos os modelos possíveis. Rindo, desfilando pela loja, se olhando no espelho, até que Alê falou:

— Essa é a dos meus sonhos...

— Então é essa que vamos levar.

— Esquece, não posso! Nem tenho dinheiro pra isso.

— Conte pra minha mãe da inauguração da loja e ela me deu dinheiro pra comprar uma Melissa nova.

— Então compre, amiga! Já realizei meu desejo de ter uma Melissa nos meus pés, porque nem a das minhas irmãs eu podia colocar.

— Seu sonho vai acabar aqui? Vai deixar ele na loja?

— Mas Lara... como você vai contar pra sua mãe que não comprou uma sandália?

— Ela não vai se importar quando eu contar o motivo, tenho certeza. Você

conhece bem a minha mãe, Alê. E sabe que ela pode ajudar a gente no que for preciso.

Lara mais uma vez arrastou o amigo, mas desta vez a prova seria outra.

Foram até o balcão e Lara pediu que embrulhasse aquela Melissa para presente.

Saíram da loja com um embrulho brilhoso. Aos pulos. E com Alê não cabendo dentro de si. Nem dentro de si, nem dentro do armário.

Aquele Natal seria diferente!



A dama branca

ANTÔNIO SCHIMENECK

*Para o professor Adalberto,
que contou uma história parecida
numa noite de relatos assombrosos
no CMET Paulo Freire.*

Ao me perguntarem o motivo de eu ter me tornado Assistente Social, dou respostas pré-fabricadas: para lutar pelos direitos dos cidadãos e cidadãs; prezar pela democracia; promover políticas públicas para a emancipação das pessoas; até embalo um clichê: pela busca do bem comum, principalmente dos mais desamparados.

No entanto, a mim mesmo é impossível negar os fatos. A decisão de trabalhar com crianças em situação de abandono veio pela exigência de um olhar tenebroso. O olhar de uma mulher enfurecida. Para explicar como tudo aconteceu, preciso voltar no tempo, vasculhar uma memória de garoto na Porto Alegre da década de noventa, até uma noite passada no cemitério com meu pai.

É isso mesmo. Para ajudar, não foi uma noite qualquer, mas aquelas de tempestade de filme de terror. Bem assim.

Vamos por partes.

Devo contar que o pai trabalhava como guarda municipal. Havia uma escala semanal. A partir dela, os servidores eram designados para monitorar o trânsito, para rondas em prédios públicos, acompanhamento de autoridades, apoio a diversos setores, inclusive parques, praças, escolas e... vigilância nos cemitérios — o menos desejado dos serviços.

Se o pai tinha medo? Nada. Não era homem de ficar abalado com histórias do outro mundo. Não era religioso, nem supersticioso, tampouco explorava o lado sobrenatural da vida. Mas não gostava de guardar o cemitério. Por um motivo simples. Para ir até lá, precisava tomar duas conduções e sacolejar por no mínimo quatro horas entre ir e voltar para casa, isso se não houvesse congestionamento nas imediações da Azenha. Quando tinha jogo no antigo Olímpico, o entorno do estádio se tornava intransitável.

O pai não se impressionava com o cemitério. Mas seus colegas... não queriam passar a noite lá de jeito nenhum. Pela dificuldade em conseguir voluntários, o chefe elaborou uma estratégia. Quem chegasse atrasado ou faltasse ao trabalho sem

justificativa plausível fatalmente seria escalado para passar a noite no campo-santo. Meu velho prezava pela pontualidade. Mas, numa manhã escaldante de fevereiro, a Avenida Ipiranga ficou cada vez mais lenta. Ao perceber que não chegaria a tempo no trabalho, desceu do ônibus e correu até a quarta zona da Guarda Municipal. Chegou cinco minutos depois do horário. Na sexta-feira seguinte, seu nome constava na escala para o turno da noite no São João.

A ideia de ir junto partiu de mim. O desafio de passar a noite inteira na última morada dos mortos e a vontade de ter uma boa história para contar na escola segunda-feira. Fomos até o centro de Porto Alegre. Ali tomaríamos o ônibus rumo ao bairro Higienópolis, onde se localizava o enorme cemitério.

Pois justamente na região central, próximo ao Mercado Público, uma cena ficaria marcada para sempre em minha memória: policiais e populares corriam atrás de um grupo de crianças. E elas, uma por uma, mergulharam numa boca de lobo, em direção aos esgotos da cidade. Era a época dos menores de rua de Porto Alegre. O auge do descaso para com os meninos e as meninas que, por conta do desarranjo social crônico do Brasil, descobriram, literalmente, no submundo da cidade, um lugar mais ameno para sobreviver.

Chegamos ao nosso destino. O dia executava seus mistérios. O sol já não faiscava nos letreiros dos túmulos. O meio-termo entre o dia e a noite se espalhava pelos corredores soturnos das quadras repletas de sepulturas. O guarda do diurno cumprimentou meu pai com efusividade, há tempos não se viam.

Ao sair, o homem fez uma recomendação. Antes de irmos embora, deveríamos nos dirigir à Cruz Mestre e deixar lá toda a energia do lugar a fim de não levar nada para casa.

Não consegui evitar um embrulho no estômago e a sensação desagradável de ser observado. E o sobressalto com o menor barulho. E a impressão de uma presença de outro mundo pairando pelos cantos, principalmente nos mais sombrios.

Realizamos a primeira ronda. A escuridão ainda não havia tomado conta do lugar por completo. A semana tinha sido de calor intenso. Pelas nove da noite, choveu forte. Depois, o aguaceiro deu lugar novamente ao calor. Relâmpagos regulares cortavam a escuridão.

O pai torcia por uma noite calma. Sem sinistros. O que poderia ameaçar a paz de um cemitério? Os roubos. Sim. Eles aconteciam. Túmulos são violados na tentativa de encontrar entre os restos mortais algum objeto de valor. E há também os casos de entradas noturnas para a realização de rituais, ou então os desafios de coragem, quando grupos, principalmente de jovens, caminham pelas campas desafiando o medo.

Da guarita, tínhamos visão privilegiada do espaço. Os postes colocados em locais estratégicos permitiam, caso houvesse necessidade, a iluminação do terreno inteiro. Realizamos a última ronda perto da meia-noite, voltamos ao nosso posto e apagamos as luzes. Pelo rádio de pilhas, a voz sussurrante e melosa de um comunicador lia declarações amorosas de ouvintes enquanto tocava os hits internacionais do momento. O sono já começava a me vencer. A ilusão de passar a noite acordado já não parecia uma boa ideia. Me recostei no sofá e fechei os olhos.

O som veio de longe. Um tilintar cortou o silêncio da noite abafada. O pai desligou o rádio e se pôs em alerta. Alguém andava entre as sepulturas. Ele fez menção de acender as luzes, mas, refreando o impulso, decidiu esperar um pouco mais. Os sussurros foram chegando até nós. O pai avisou: são crianças de rua. Eles vêm aqui e arrancam toda a espécie de metal para vender.

Pelo protocolo, a Brigada Militar deveria ser chamada. Os policiais lavrariam mais um dos tantos boletins de ocorrência, talvez até agissem com violência contra os garotos. Em vez disso, teve uma ideia. Pediu que eu pegasse a lanterna e o seguisse. Caminhamos em silêncio pelos túmulos. Descemos uma elevação e nos aproximamos do grupo que, descontraidamente, dava conta de arrancar cruces e letreiros de metal. O pai respirou fundo e correu em direção aos pequenos invasores, emitindo um grito assustador.

Funcionou.

Foi garoto pulando por cima dos túmulos, perdendo chinelos, facas, subindo no muro e ganhando a rua. O pai riu satisfeito. Com o facho de luz, recolheu as peças arrancadas e já colocadas em sacolas plásticas.

Nesse instante, o tempo mudou novamente. O vento começou a soprar com força, sacudindo as árvores. Além disso, relâmpagos, trovões e raios transformaram o ambiente num verdadeiro cenário de terror. O mundo parecia desabar sobre o cemitério.

Não queira presenciar uma cena dessas.

Procurei me manter junto do pai. Ansiava mais do que nunca voltar à segurança da guarita. Após recolher as sacolas, seguimos em direção ao abrigo. E, aqui, começa a parte mais sinistra da história. Nos filmes de suspense a lanterna sempre falha, não é mesmo? Tal como na ficção, nossa fonte de luz piscou duas ou três vezes e se apagou. Somente os relâmpagos iluminavam o campo-santo. Num desses momentos de flashes momentâneos, nós a vimos. Parada ao lado do meu pai. O rosto pálido, os cabelos escorridos pela chuva, toda de branco e com o braço esticado como a apontar um mal que havíamos acabado de cometer.

Corremos. Cegamente. Não encontramos a escada, portanto, subimos pela parte

de terra que, depois da enxurrada do começo da noite, havia se transformado num barranco de lama. Quando conseguimos chegar à guarita, estávamos irreconhecíveis. Cobertos de barro, grama e medo.

O prenúncio de tempestade lá fora parou exatamente como havia começado: de chofre. Os relâmpagos cessaram. Permaneceram a escuridão entre os túmulos, o abafado da noite calorenta e o pavor rondando a pequena guarita. O pai e eu só esperávamos o dia amanhecer para deixarmos o lugar. Talvez, assim, o arrepio na espinha fosse substituído pelo respirar com tranquilidade além dos muros que cercavam a morte.

Se dormi durante o resto da noite? Não sei se posso chamar propriamente de sono a série de pesadelos entrecortados. A madrugada se arrastou e, enfim, avistamos os primeiros raios da aurora. Pelas sete da manhã, se deu a troca de turno. O colega do pai percebeu, pelo barro nas roupas e pelas olheiras encovando nosso olhar, que algo não correria bem.

Fomos até o local do evento, desta vez protegidos pela plenitude da luz do dia. O velho homem riu às soltas com as marcas deixadas pelo caminho até a guarita. A desabalada corrida registrada no lodo provocado pela chuva. E então vimos a estátua. Impávida. O mármore branco resplandecia ao sol atravessando a folhagem. A mão levantada parecia indicar um caminho para três crianças.

O vigia nos contou sobre ela. Tinha uma história interessante, a estranha dama. Numa Porto Alegre antiga, na qual as senhoras da alta sociedade deveriam ser educadas para o casamento, arranjado, de preferência, a fim de perpetuar a linhagem de poder das famílias, ela se rebelou. Perdeu cedo os pais e usou cada centavo da herança cuidando de crianças desamparadas. Sua casa se transformou numa espécie de orfanato, que durou até o dinheiro acabar. Morreu só, excluída pela tacanha elite porto-alegrense, cercada apenas das crianças acolhidas durante sua breve existência.

Nos despedimos do colega do pai. Enquanto ele se afastava eu observava as pegadas impressas na grama rala, depois no barranco que dava acesso ao caminho em direção à guarita. Tive ganas de rir, mas percebi algo. Paramos exatamente no lugar onde vimos a mulher assustadora durante a noite. Percebemos outras marcas no solo úmido, e não eram de nossos pés. Vinham de um local específico, do jazigo da dama branca. Instintivamente, olhamos ao mesmo tempo para ela. Novamente senti os olhos de fera brava a defender suas crias a todo custo.

Apertamos o passo a fim de irmos embora de pronto. Antes, porém, passamos na Cruz Mestre, fizemos um pelo-sinal na intenção de deixar ali qualquer coisa que porventura quisesse nos acompanhar para fora dos antigos muros.

Não consegui, no entanto, abandonar a exigência daquele pálido e desesperado olhar.



O baú secreto da vovó

HELOISA PRIETO

Quando eu era menina e sentia medo, no lugar de chorar, ficava com raiva. Na noite em que descobri o baú de minha avó, eu estava em Santos. Trovejava muito. Apavorada, comecei a gritar que odiava o mar. Foi quando minha avó me chamou e disse.

— Minha neta, você sabia que eu tenho um baú cheio de segredos?

— Como assim? Onde?

— Lá no fundo da garagem.

Pronto. Nada como a curiosidade para espantar o medo. Na garagem, vovó o abriu e retirou de dentro dele uma espécie de régua.

— Você sabe o que é isso?

— Uma régua esquisita — respondi.

— Não, isso é uma palmatória. Quem errasse na escola levava uma batida na palma da mão.

— Não acredito! E por que a senhora guardou este treco horrível?

— Pra lembrar que a gente precisa ser mais forte do que as injustiças. Olhe... meu dedal preferido. Foi com ele que eu costurei esta roupa — e ela me mostrou um vestidinho com uma espécie de short por baixo.

— Você jogava tênis, vovó?

— Não, isso é um maiô!

— Você nadava de vestido?

— Sim, e era considerada atrevida. Mas foi assim que conquistei seu avô.

— Nadando de roupa?

— Eu vinha de uma família pobre. Seu avô, não. Ele lia, gostava de dançar.

— E de nadar também?

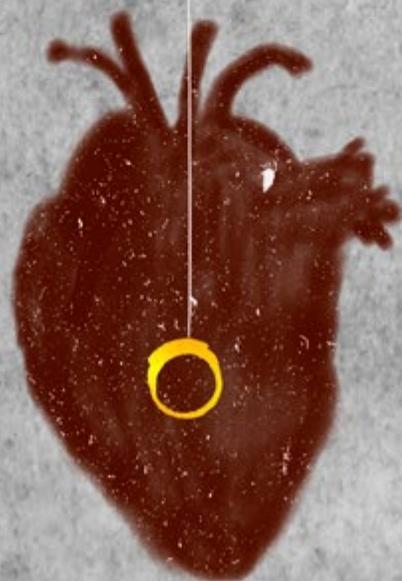
— Sim, e por isso fiz este maiozinho. Corri até a praia de chapéu. Seu avô estava tomando sol. Fingi que tinha perdido o chapéu no mar. Ele, como era um cavalheiro, veio me ajudar. O chapéu foi parar no fundo. Então apostamos uma corrida para ver quem o apanhava. Ele gostou da minha ousadia.

— Foi assim que vocês começaram a namorar?

— E logo me casei. Guardei o dedal pra lembrar que a gente precisa tecer a felicidade, e o maiô, porque um pouco de coragem não faz mal a ninguém. Olhe esta caixinha de música. Seu avô me deu quando você nasceu. Não é linda?

Vovó mostrou para mim outros objetos, e assim fui descobrindo que, se não

fosse o mar, que eu temia, não haveria o encontro de meus avós, e que viver é saber perder o medo de tudo o que a gente nunca espera e nunca vai conseguir controlar.



Senhor das Águas de Constança

MILENE BARAZZETTI MACHADO

Naquele dia o Imperador Carlos acordou diferente, bem-disposto, com apetite e feliz por ser dia de cavalgada e caça. Mal sabia ele que em algumas horas tudo mudaria em sua vida.

Acompanhado de seus cavaleiros mais fiéis, saiu para a caçada. Entre uma ave e outra que era acometida pela sua flecha certa, foi se embrenhando pela mata.

Quando se viu sozinho, ouviu um canto, uma voz singular que o hipnotizou.

Seguindo o canto, não demorou para ver, sentada sobre folhas secas, a formosa Gisela. Enquanto cantarolava, também acariciava um pequenino canídeo. Seus cabelos cobriam suas pernas longas e estavam emoldurados em lindas tranças. A pele era alva e brilhava com o toque dos raios de sol que passavam pelas folhas das árvores no movimento causado pela brisa do lago Constança.

Carlos desceu de seu cavalo com lembranças de sua juventude. Sentiu o perfume da bela moça e se transformou ao olhar para ela. Olhou em seus olhos. Enamorou-se. Depois daquele momento, o Imperador esqueceu-se de governar. Só queria saber de sua bela Gisela.

Pediu que os costureiros fizessem os melhores vestidos.

Exigiu as mais dedicadas aias para cuidar de sua amada.

E ficava o dia todo falando sobre ela, escrevendo para ela, encomendando seus retratos e fazendo suas vontades.

Os nobres e o clérigo ficaram preocupados com tamanha exagero na conduta de Carlos. Já pensavam em conseguir algo para se livrarem da moça. O Império e o poder que detinham estava em risco. E os pensamentos ruins dos nobres acabaram afetando a bela.

Em uma manhã, como a do dia em que a conheceu, Gisela caiu nos braços de Carlos e nunca mais respirou.

O clérigo pensou consigo mesmo: “Agora sim, tudo voltará ao normal. Carlos governará, como sempre!”

Mas não foi isso que aconteceu. O apaixonado governante ordenou o embalsamento de sua amada e ficava dia e noite ao seu lado, nos seus aposentos imperiais.

Todos desconfiaram que só poderia ser uma bruxaria aquela adoração pecaminosa e fúnebre. Carlos ficava acariciando o corpo morto da moça de forma sinistra e continuava sem interesse pelo governo.

Foi então que o clérigo, após Carlos adormecer, procurou pelo corpo de Gisela

algo que pudesse ser um encantamento. Olhou desde os fios dos cabelos até a ponta de seus dedos. E encontrou. Embaixo da língua seca e sem vida, um anel brilhante. Colocou o anel no bolso de sua batina e ficou surpreso com o beijo estalado que Carlos deu em seu rosto, declarando-se apaixonado.

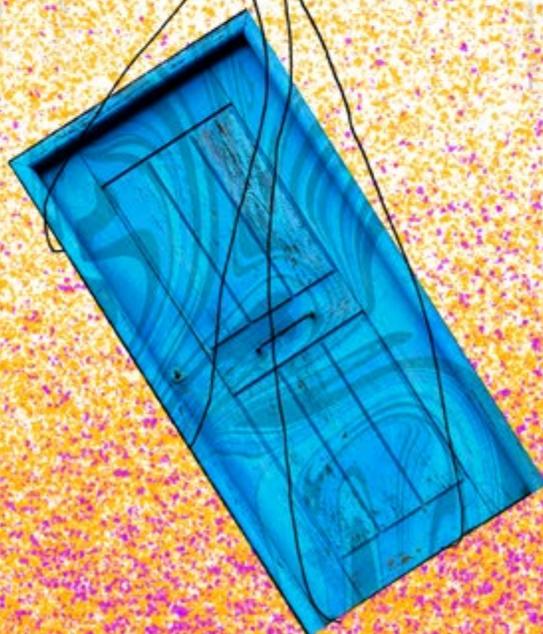
Nesse momento, o clérigo correu daquele amor impossível para ele. Tropeçou na escada e acabou perdendo o anel que rolou até a mão do pajem, que ficou em êxtase com tal posse.

Carlos, atônito, viu o pajem e correu atrás dele, gritando:

— Meu amor, venha ficar comigo em meus aposentos.

O pajem, jovem e altivo, saiu pelo portão do palácio real e roubou o primeiro cavalo que viu pela frente. Carlos, louco de amor, tomou seu cavalo e cavalgou desesperadamente atrás do rapaz, que cansado acabou perdendo as estribейras da sua montaria e caindo dentro do Lago Constança. Ali, ficou ele, todo molhado e sem sua joia adorada, perdida para sempre naquelas águas.

E Carlos? Bom, o Imperador nunca mais se distanciou daquele lago. Apegou-se de tal forma que fez dele sua morada, como um velho Senhor das Águas de Constança.



Amor de mãe

SONIA ROSA

Naquele ano completaria vinte e cinco anos que Vitória havia deixado a casa de sua mãe na cidade onde nasceu e veio de navio morar na cidade do Rio de Janeiro. Deixou para trás sua mãe, muitos irmãos, tias, primos e muitas histórias de rir e de chorar.

A lembrança inesquecível daquela primeira vez em que a cidade maravilhosa do Rio de Janeiro se mostrou sedutora para ela com suas águas, morros e mistérios nunca mais saiu de sua cabeça. Enquanto o navio devagar abraçava o porto, ela começava a sentir uma certa vertigem... seu coração em festa acelerava, as suas pernas repentinamente ficavam bambas. A sensação de desmaio invadia todo o seu corpo. Mas ela não desmaiou. Estava tonta de admiração e encantamento. Nunca vira tanta beleza diante de seus olhos. Foi paixão à primeira vista. Desde aquele momento do desembarque do navio, ela teve a certeza de que esta seria a sua cidade para sempre. Quando decidiu fazer esta viagem, com a permissão da sua mãe, secretamente sabia que não voltaria. Nunca mais...

Combinou com ela mesma construir uma nova história. Era quase uma menina ainda, mas se sentia pronta para os novos tempos. E nunca viria a se arrepender dessa decisão.

Quanto às saudades de casa, nos primeiros tempos, foi aprendendo aos poucos a conviver com elas. Mas a saudade da sua mãe sempre foi a mais dolorosa, sofrida. Saudades do seu jeito de olhar, da sua maneira de andar, da sua voz e do seu cheiro...

Com o passar dos anos, as lembranças da sua terra natal foram ficando esfumadas. A distância era de vez em quando abreviada pelas cartas enviadas para sua família. Mandava as notícias de sua nova vida e ia atualizando as de sua terra.

As cartas quase sempre eram iniciadas com “nessas mal traçadas linhas” ou “espero que esta encontre todos gozando de saúde e de felicidade”. As leituras delas a deixavam muito emocionada. E o sentimento mais forte de todos era a dor da saudade da sua mãe. Através daquelas linhas escritas, ficava sabendo que uma irmã sua teve um filho sem pai, uma outra teve um casal de gêmeos, um irmão ficou viúvo com cinco filhos pequenos, uma de suas tias morreu repentinamente, sua irmã mais velha havia ido embora, pela estrada afora, com um caminhoneiro...

E os anos foram passando. Longos anos repletos de grandes vivências; trabalhos, casamentos, chegada dos filhos. Choros, paixões, decepções, encantamentos e sustos...

O casamento não era bem o que havia sonhado. Mas lhe dera filhos lindos e saudáveis. A vida era difícil, muito difícil. A sua solidão de viver numa cidade que não tinha familiares por perto era amenizada pelas gargalhadas de seus filhos, tão felizes. Estes estavam muito próximos dela e riam para ela. O amor deles estava refletido no olhar dela, e vice-versa. A realização com a maternidade amenizava as dores que teimavam em bater em sua porta, todos os dias, em cada amanhecer.

Os filhos foram crescendo, o seu casamento não incomodava mais tanto, e as cartas de sua terra foram pouco a pouco rareando e se tornando cada vez mais curtas repletas de assuntos pouco interessantes para Vitória. E a distância foi se tornando cada vez maior...

A vida daqui do seu lado lhe exigia muito. Às vezes não dava nem tempo para experimentar a saudade que fazia morada em seu peito. Vontade de rever seus parentes, aquelas pessoas que amava com fervor. Mas a saudade de sua mãe era muito diferente. Ela dormia e acordava com ela. Todos os dias antes de fechar os olhos sentia sua presença, seu cheiro, sua voz...

A adolescência dos seus meninos lhe trouxe muita preocupação. Todos os seus pensamentos estavam voltados para eles. O mais velho era o alvo de sua maior atenção. Corpo grande, cabeça de menino e coração puro. Refém fácil para alguns “maus elementos” que seduziam o seu garoto para o “mau caminho”. Um medo enorme de perder seu filho para sempre lhe tirava o sono de todas as noites e a fazia sofrer durante todo o dia.

Temia que a *qualquer momento* receberia uma notícia desagradável sobre o seu filho. Tentou conversar com ele várias vezes e explicar o perigo que corria, mas ele estava realmente com a cabeça virada...

Precisava agir rápido. Precisava salvar seu filho.

Amanheceu com uma ideia: iria para sua terra natal levar seu menino para passar uns tempos por lá. Quem sabe numa ambiência mais rural, com direito a banhos de rio, poderia refrescar a cabeça de seu garoto e lhe trazer de volta o juízo. Iria fazer novas amizades e se encantar com as muitas novidades, afinal ele só tinha quatorze anos e era um menino grande... Apesar de ele ser rebelde, ela conhecia o coração de seu filho e sabia que esta seria uma excelente oportunidade de ele voltar para a reta da estrada...

A ideia luminosa que teve era deixá-lo por uns tempos vivendo aquela vida nova com os seus irmãos e sobrinhos. Retornaria sozinha para casa para cuidar dos outros filhos e traria na bagagem muitas saudades... e a certeza de que estava fazendo o melhor pela vida de seu menino. O seu amor de mãe estava salvando seu filho das garras do mal...

Era confortante saber que podia contar com sua família. Afinal nunca havia pedido nada a nenhum deles, apesar de ter passado muitas necessidades emocionais e financeiras. Não queria importuná-los. Nem os preocupar... Mas agora a situação era outra. Tratava-se da vida de seu filho.

Depois de quase dois dias dentro de um ônibus, foi recebida por um de seus irmãos, sua mulher e os filhos deles. Choros, abraços e muita alegria. Ficou feliz com a recepção, mas, na verdade, ela esperava mesmo era abraçar primeiramente a sua mãe. Mas o combinado era que deveria chegar, tomar banho, descansar da longa viagem de ônibus, para à noite receber todo mundo que desejava revê-la e também conhecer o seu filho mais velho.

Era domingo. E em frente à casa de seu irmão, havia sido inaugurado naquela semana um parque de diversões.

A novidade mexia com toda a cidade. Era a atração do momento. A partir das cinco horas da tarde, as luzes da roda-gigante e do carrossel atraíam uma multidão de gente. O tiro ao alvo e o tobogã faziam qualquer adulto voltar a ser criança. De vez em quando o locutor do parque oferecia uma música, um versinho ou um recadinho: de alguém para alguém muito especial...Nestas horas toda a cidade ficava sabendo...

Naqueles tempos o cantor Wilson Simonal estava no auge da carreira. Em todo o Brasil ele era o maior sucesso.

Vitória, atendendo a vontade do seu filho, depois do banho, da refeição, do descanso e da prosa com o irmão, foi conhecer o parque, afinal era a poucos passos da casa dele. E ficou combinado que os parentes e alguns amigos chegariam a partir das oito horas da noite para abraçá-la e revê-la. Ainda não havia escurecido e, por isso, resolveu dar uma voltinha no parque.

Gente que não acabava mais. Gente pra lá e pra cá. Fila na carrocinha de pipoca. Fila na barraca de algodão doce. Fila para comprar cachorro quente e algodão doce. Uma alegria!

A qualquer momento Vitória poderia encontrar um parente.

A qualquer momento ela poderia ser reconhecida por alguém que não via há pelo menos vinte e cinco anos.

A qualquer momento ela voltaria a chorar por lembrar de toda a sua história passada vivida até ali e também da sua história passada e presente.

Enquanto passeava com seu filho, sobrinho e cunhada, ela ouvia várias músicas e dedicatórias. De repente, o locutor em voz solene falou:

— Povo da minha terra, hoje é um dia muito feliz! Estamos recebendo uma pessoa muito querida. Seu nome é Vitória. Ela veio do Rio de Janeiro para matar a saudade depois de vinte e cinco anos. Vitória, tenho uma surpresa pra você. Alguém

que te ama muito te aguarda aqui na porta azul ao lado da roda gigante. E receba desse alguém tão especial a música do sucesso do momento: Sá Marina, de Wilson Simonal.

Vitória avistou lá longe a roda gigante, com suas luzes coloridas. Teve vontade de correr. Mas lembrou que já não era tão moça...

A música lhe entrava por todos os sentidos. As lágrimas escorriam quentes. A qualquer momento ela iria abraçar “aquela pessoa tão especial”. Ele não falou quem era. Mas ela sabia. Ela sentia que a qualquer momento iria ganhar um abraço com gosto de colo quentinho...

Sá Marina foi a trilha musical desse encontro na frente da porta azul perto da roda gigante. Uma senhora negra, baixinha, cabelos prateados, olhos amendoados, toda bonita e formosa estava em posição de espera. Era ela. Tinha certeza. Sua mãezinha querida. Quantos anos sem olhar aquele rosto, sem olhar no olho e sentir o seu cheiro... Avistou ao longe e sabia que a qualquer momento estaria em seus braços.

E foi então que ela começou a correr. E, logo depois, estava em frente a sua mãe, e ambas visitaram os seus rostos. Os traços, as rugas, o sorriso...

Antes do abraço acariciaram as bochechas simultaneamente. Depois começaram a sorrir como bobas uma para outra, como se estivessem num espelho, e finalmente se abraçaram.

O abraço foi longo e profundo, acompanhado de uma explosão de lágrimas e de “ai, ai, que saudades”...

A música e as luzes da roda gigante não davam trégua: “...roda pela vida afora e põe pra fora toda essa alegria...”

A mãe tinha um cheiro tão dela: “...cheirando a flor de laranjeira Sá Marina vem pra dançar...”

“...Naquela tarde de domingo fez o povo inteiro chorar...”

Quem viu a cena chorou junto... Até o locutor emocionado falou:

— Gente, neste domingo de alegria assisti o abraço mais lindo que já vi.

Vitória e sua mãe estavam guardando e aguardando este abraço por vinte e cinco anos.

— O bom filho à terra volta. Seja bem-vinda, Vitória! - falava o locutor para todo mundo ouvir.

Abraçadas, mãe e filha foram ao encontro dos outros parentes.

O coração das duas estava em festa.

Biografias

BIOGRAFIAS

Conheça os autores e autoras desta publicação, lendo suas minibiografias e acessando seus sites para saber mais sobre suas obras literárias, premiações e participações em eventos de literatura:

ANNA CLAUDIA RAMOS é carioca, mestre em Letras, escritora de literatura para a infância e juventude, palestrante e professora de oficinas literárias.

Site: www.annaclaudiaramos.com.br

ANTÔNIO SCHIMENECK é gaúcho, mestrando em Letras, trabalha na Ama Livros (editora e distribuidora de livros especializada em literatura para a infância e juventude) e tem livros publicados para esse público.

Site: <https://www.facebook.com/antonioschimeneck>

HELOISA PRIETO é paulista, doutora em Letras, escreve para a infância e juventude e ministra oficinas e cursos na área da leitura literária.

Site: www.heloisaprieto.com

JONATHAS MARTINS é gaúcho, artista gráfico-visual, graduando em Design Gráfico e autor de imagens de obras para a infância e juventude.

Site: <https://artejomartins.com.br>

MILENE BARAZZETTI MACHADO é gaúcha, especialista em Literatura Infantil e Juvenil, professora, contadora de histórias e escritora de livros para a infância e juventude.

Site: <https://encantosliterarios-milene.blogspot.com>

SONIA ROSA é carioca, mestre em Relações Étnico-Raciais, professora, contadora de histórias e escreve para a infância e juventude.

Site: <https://www.escritorasoniarosa.com.br>

